UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

52

INSCRIÇÕES 234-238

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
COIMBRA 1996

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O FICHEIRO EPIGRÁFICO publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of CONIMBRIGA whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even been ommitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'Encarnação
Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA

Maria Manuela Alves Dias
Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do

CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

Suplemento de Conimbriga
ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja
Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos
Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto "VBI ERAT LVPA" (2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.

Education et culture
Culture 2000

Depósito Legal Nº 191563/03

234

DEDICATORIA A MERCURIO HALLADA EN ALHAMBRA (CIUDAD REAL)

Ara de piedra calcárea de color ocre, con base y cornisa muy desarrolladas. Los *pulvini* están fuertemente erosionados; el *focus* es circular (14,50 de diámetro). La cornisa y la base presentan escocia y listel en las cuatro caras. La cara anterior y las laterales estan alisadas; la posterior, redondeada. Ha sufrido desperfectos en la cornisa y en la base.

La encontró hacia 1991 un labrador arando su olivar a 2 km al este de Alhambra. Hizo donación de la misma al vicario parroquial de La Solana, quien la depositó en la sacristía, donde se conserva ([1]).

Dimensiones: 64 x 28,5-36,5 x 16-24. Letras: 3,5.

Mercu[ri]o
D(ecimus) · Cor(nelius)
Britt(o)
v(otum) · s(olvit) · l(ibens) · m(erito).

Décimo Cornelio Britto ha cumplido su promesa a Mercurio de buena gana, como era justo.

Los puntos son triangulares. La escritura es superficial y tiene los trazos horizontales muy cortos. La M presenta las astas externas inclinadas hacia fuera. La L es cursiva; las R y la B, abiertas.

([1]) Agradezco al Rvdo. Sr. Candelo López, vicario parroquial de La Solana, la noticia del hallazgo de la inscripción así como la información y la fotografía que me ha proporcionado a través de nuestro querido y común amigo, el desaparecido D. Domingo Fletcher.

El texto está alineado a la izquierda. En la línea 1 han desaparecido, probablemente por erosión, las letras RI y la mitad superior de ER y de la O. En la línea 3 podría haber pasado lo mismo con la O. (En la fotografía no es posible apreciar si esta letra ha desaparecido por erosión o bien no fue grabada).

El culto a Mercurio, la divinidad protectora del comercio y de los comerciantes, así como también de los caminos y encrucijadas, estaba muy extendido en toda la Península, particularmente en Lusitania y la Tarraconense occidental (2).

El *praenomen* del dedicante, *Decimus*, es bastante raro (3), mientras que el gentilicio *Cornelius* es uno de los más frecuentes en todas partes. El *cognomen Britto,* escrito también *Brito,* es de origen étnico y significa "habitante de *Britannia*". Según Kajanto, sólo aparece recogido ocho veces en el CIL, generalmente en inscripciones de Hispania y Africa (4).

En el caso de la dedicatoria de La Solana, podría tratarse de un *mercator britannicus* afincado en la Península.

Por el tipo de monumento y la paleografía, puede datarse entre finales del s. I y principios del II.

JOSEP CORELL

---

(2) Cf. CIL II p.1129; J. MANGAS «Die römische Religion in Hispanien während der Prinzipatszeit», *ANRW*, II, 18, 1, Berlín-New York 1986, 325-328. Sobre el culto a Mercurio en general, cf. B. COMBET-FARNOUX, *Mercure Romain. Le culte public de Mercure et la fonction mercantile à Rome de la République archaïque à l'époque augustéenne*, Rome, 1980. Del mismo autor, «Mercure romain, les "Mercuriales" et l'institution du culte impérial sous le Principat augustéen», *ANRW*, II, 17, 1, Berlín-New York 1981, 457-501.

(3) Cf. O. SALOMIES, *Die römischen Vornamen. Studien zur römischen Namengebung*, Helsinki 1987, 27, 155 ss.

(4) I. KAJANTO, *The Latin Cognomina*, Helsinki 1965, 201. Sobre la dispersión de *Britto* o *Brito* en la Península, cf. CIL II p. 1079; M.ª Lourdes ALBERTOS, *La Onomástica Personal Primitiva de Hispania Tarraconense y Bética,* Salamanca, 1966, 62.

234

235

FRAGMENTO DE EPÍGRAFE DOS CORNELII BOCCHI (ALCÁCER DO SAL)

A presente epígrafe foi encontrada em Outubro de 1995, nos alicerces do muro que delimitava o convento de Nossa Senhora de Aracoelli, no castelo de Alcácer do Sal, proveniência de onde são já conhecidas outras inscrições dos *Cornelii Bocchi* (1). O muro foi demolido no quadro das obras de adaptação deste local para pousada da Enatur e esta inscrição encontra-se presentemente depositada no Museu Municipal de Alcácer do Sal.

Trata-se de um fragmento de bloco paralelepipédico, de mármore branco com veios cinzentos. Apenas conserva parte do topo original, encontrando-se partido nos lados esquerdo, direito, na base e, ainda, na sua espessura.

Dimensões: Altura máxima conservada: 21,5 cm. Largura máxima conservada: 25,5 cm. Espessura máxima conservada: 14,2 cm.

Conserva vestígios de três linhas, qualquer delas partida à esquerda e à direita, estando a terceira também danificada no sentido longitudinal:

[...]ORNEL[...] / [...]BOCCH[...] / [...]I PROVINC[...]

Altura das letras: 1. 1: 4,2; 1. 2: 4,2. Espaços: 1: 1,6; 2: 1,8.

Não apresenta linhas auxiliares e as letras são do tipo monumental quadrado.

---

(1) João Carlos Lázaro FARIA, 1984, Dois fragmentos de placas de Alcácer do Sal *(Conventus Pacensis)*, "Ficheiro Epigráfico", 9, n.os 40-41, ambas referentes a um *Lucius Cornelius Bocchus*.

Esta epígrafe pertence claramente a um dos *Cornelii Bocchi* da Alcácer do Sal romana (2). Infelizmente, o seu estado de conservação impede-nos de a poder caracterizar de uma forma segura. O suporte e o texto encontram-se muito danificados, faltando mesmo o *praenomen* e a filiação do indivíduo referenciado no documento, o que nos permitiria atribuí-la a qualquer dos *C. Bocchi* já conhecidos. Falta-nos também a terminação do *nomen* e do *cognomen*, que nos ajudaria a caracterizar o monumento. Baseados na terminação «I» de *Flamini*, na terceira linha, propomos a seguinte reconstituição:

[... C]ORNEL[IO ...] / [...] BOCCH[O ...] / [... FLAMIN]I PROVINC[IAE ...]

«A ... Cornélio Boco ... flâmine da província ...»

tratando-se assim, com grande probabilidade, de uma inscrição honorífica, datável de meados a finais do século I.

A. M. Dias Diogo
João Carlos L. Faria
Marisol A. Ferreira

235

(2) Veja-se nota 1 e, ainda, Fernando Bandeira Ferreira, 1956, A inscrição lusitano-romana da Quinta da Sempre-Noiva (Arraiolos) e o problema dos *Cornelii Bocchi*, "O Arqueólogo Português", Nova Série, 3, p. 87-105 e José d'Encarnação, 1984, "Inscrições Romanas do Conventus Pacensis", n.os 185, 188, 189 e 205.

236

ESTELA FUNERÁRIA DE S. PAIO — CINFÃES

(Conventus Scallabitanus)

O monumento epigráfico que ora se divulga (1) foi localizado pelos signatários no decurso de trabalhos de prospecção arqueológica realizados no concelho de Cinfães durante o mês de Junho de 1995.

Encontrava-se inserido num murete de contenção de terras sensivelmente 200 m a leste da acrópole pedregosa do Castelo de S. Paio, freguesia de S. Cristóvão de Nogueira. Está actualmente na casa do proprietário do terreno onde o localizámos (2). É já a quarta epígrafe romana proveniente desta estação ou das suas mais directas imediações (3).

Trata-se de uma estela funerária de granito, com frontão semicircular truncado no topo e no lado esquerdo. A moldura, que delimita o monumento na íntegra, incluindo o frontão, foi obtida pela gravação de um sulco pouco profundo. Está dividida em três campos, não rebaixados, encontrando-se dois deles epigrafados. A separação dos campos obedece à mesma solução adoptada na concepção da moldura. No frontão, para além da convencional consagração aos Manes, encontra-se representada, em alto relevo, a cabeça estilizada de um bovídeo, temática muito rara neste tipo de

---

(1) Agradecemos ao Doutor José d'Encarnação todas as indicações que nos forneceu para a realização do presente estudo. Sem a sua orientação este trabalho não teria sido possível.

(2) Agradecemos ao Sr. Nicolau Cardoso Mouta (Montinho, 4690 CINFÃES), proprietário do terreno, todas as facilidades que nos concedeu para o estudo deste monumento epigráfico.

(3) *Ephemeris Epigraphica* IX 269 e 270; *O Arqueólogo Português* 28 1929 221.

monumentos. No campo central da estela funerária foi materializado, em baixo relevo, um crescente lunar, decoração muito frequente na região ([4]).

Dimensões: 90 x 42 x 15/22 cm.

Campo epigráfico: 35 x 22 cm.

D(*is*) M(*anibus*) / FLAVVS · PI/SSIRI (*filius*) · AN(*norum*) L (*quinquaginta*) / H(*ic*) · S(*itus*) · E(*st*) · S(*it*) · T(*ibi*) · T(*erra*) · L(*evis*) / ANECIA A (?) · / [...]

Aos deuses Manes. Aqui jaz Flavo, filho de Pissiro, de 50 anos. Que a terra te seja leve. Anécia [...]

Altura das letras: l. 1: 5; l. 2: 5/5,5; l. 3: 5/6,1; l. 4: 5. Espaços: 1: 0,3/0,7; 2: 0,1/0,3; 3 e 4: 0/0,3; 5: ?

Nota-se a tendência para ordenar o texto segundo um eixo de simetria. Os *puncti distinguentes* são redondos, correctamente colocados a meia altura das letras. Os caracteres são actuários, bem gravados, e mostram uma inclinação muito ligeira para a direita, nomeadamente os S e os N. A haste do F exibe um pequeno remate para a esquerda. A fórmula inicial aos Manes, em módulo maior, aparece destacada do restante texto mostrando bem a importância que detinham estas divindades nas comunidades autóctones romanizadas.

Na l. 2, com certa incidência de luz, parece ter sido grafado o F; no entanto, atendendo a que só a eventual barra está nítida, será mais plausível não o considerar, até porque na l. 1 também o ponto antes do P se apresenta em forma de traço.

Encontramo-nos, pois, face a um indígena de condição livre que se identifica apenas por um nome seguido do patronímico. *Flavus* é antropónimo que parece ser relativamente comum no Norte da Lusitânia (cf. A. Nunes Monteiro, in *Conimbriga* XIX 1980 171-172) e *Pissirus* (ou *Pisirus*) aparece com certa frequência no corredor duriense (cf., por exemplo, o mapa de distribuição apre-

---

([4]) A implantação destes crescentes lunares tipo 'gola' é corrente nas estelas funerárias da região de Montemuro. Existem paralelos para esta gramática decorativa em Lamas de Moledo (Castro Daire) e Castelo de Lamego (cf. J. Inês Vaz, *Castro Daire*, 1986, p. 105, e J. Inês Vaz, «Inscrições Romanas de Lamego», *Beira Alta*, LXLI, n.° 3, 1982, p. 14).

sentado por Nelson Correia Borges in *Conimbriga* XV 1976 125). *Anecia,* o antropónimo que reconstituímos na 1. 4, será, eventualmente, uma variante de *Anicia* ou de *Annetia,* ambas documentadas na Península (cf. ILER p. 658); identificará a dedicante ou, preferentemente, outra defunta; neste último caso, o A seguinte seria a sigla de A(*nnorum*).

A presença da invocação aos Manes (sem *Sacrum*) e a paleografia induzem-nos a situar esta inscrição no séc. I d. C.

LUÍS M. SILVA PINHO
ANTÓNIO DA SILVA PEREIRA

236

237

UN EPITAFIO DE TRUJILLO, CACERES

Debo a una buena amiga trujillana, Matilde Muro, que llamase mi atención sobre la inscripción latina que es objeto de esta nota; su actual propietario me ha proporcionado la foto de la pieza, sus medidas y cuantos datos sobre el hallazgo conocía. Como se verá, el epígrafe se aparta poco de lo habitual en la zona en cuanto a formulario y onomástica, pero su pronta difusión ayudará completar el numeroso e interesante corpus epigráfico de esa localidad cacereña ([1]).

Se trata del fragmento central de una estela o ara funeraria al que se mutiló el pie y la cabecera; el trazo curvo que se aprecia sobre el primer renglón quizá corresponda a la parte inferior de la media luna o de la hexapétala inscrita en un círculo que suele adornar monumentos similares de la comarca. El soporte de la inscripción es granito y sus dimensiones aproximadas son (70) x (35) x 10 cms; las letras, capitales algo irregulares, miden 6 y las palabras están sistemáticamente separadas mediante puntos circulares. Salvo unas ligeras erosiones en los renglones 5 y 6, que afectan a sendas letras, el texto se lee perfectamente y la mutilación del soporte original no parece haberle afectado, porque hay un considerable espacio en blanco entre la última línea y la parte de abajo de la piedra. La inscripción se encuentra adosada en la pared de un patio interior de una casa de Trujillo; según me cuentan, apareció hacia 1991 al sanear el muro en el que se había empleado como sillarejo.

([1]) Por citar sólo conjuntos de cierta entidad, vid. CIL II 618-50, 5029-30 y 5274-96; R. HURTADO DE SAN ANTONIO, *Corpus provincial de inscripciones latinas (Cáceres)*, Cáceres, 1977, pp. 228-46, 306-8 y 323-5; H. GIMENO y A.U. STYLOW, «Juan Pérez de Holguín y la epigrafía trujillana», *Veleia* 10, 1993, 117-177.

El epitafio dice:

Severa • Tan-
cini • f(ilia) • an(norum) • L
h(ic) • s(ita) • e(st) • s(it) • t(ibi) • t(erra) • l(evis)
Sex(tus) • Iulius
5 - Hispanus
piae uxori
¿------?

Lo mas destacado de este nuevo documento es precisamente su vulgaridad, ya que ni el formulario ni la onomástica de la difunta y su marido se apartan de lo que sabiamos de los usos y costumbres de la región. La redacción del texto se acomoda al formulario corriente en la zona: omisión de la dedicatoria a los Manes, nombre del difunto en nominativo, filiación, edad y fórmulas sepulcrales; nombre del dedicante, parentesco y fórmula de dedicación (2); por este motivo y aunque el epitafio parece haberse transmitido íntegro, no debe descartarse la posibilidad de una séptima línea con la indicación *faciendum curavit* o similar.

Respecto a la onomástica, es bien sabido que *Severus/a* es el cognomen más usado en Hispania (3), habiendo al menos cinco ejemplos de su uso en inscripciones de Trujillo (4). *Tancinus/Tanginus* es también otro nombre corrientísimo y además con claro sabor regional, pues abunda especialmente en la Lusitania, sobre todo en las comarcas más orientales de esa provincia, incluido Trujillo y sus alrededores (5). Y casi lo mismo se puede decir, por último, de los *Iulii,* que resultan igualmente una *gens* muy bien representada en Trujillo (6).

La pieza debe considerarse datada entre la segunda mitad del s. I y el s. II de C. Esta imprecisión cronológica se debe a que el

(2) Esta impresión es más fácilmente apreciable en la publicación de Gimeno y Stylow que en las otras dos citadas.

(3) J. M. Abascal, *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Múrcia 1994, pp. 506-10.

(4) CIL II, 624 y 648; AE 1977, 394; HAEp 1882; *Norba* 4, 1983, p. 273.

(5) Abascal, *op. cit.*, pp. 522-3.

(6) Gimeno y Stylow, *op. cit.* p. 175.

cálculo está basado en el uso u omisión de determinadas fórmulas, cuyo empleo resulta más elástico de lo deseable y estaba, además, sujeto a influencias y modas locales no siempre fácilmente determinables (7).

J. GÓMEZ-PANTOJA

237

(7) Vid. E. W. HALEY, *Migration and Economy in Roman Imperial Spain*, Barcelona 1991, pp. 125-130; R. C. KNAPP, *Latin Inscriptions from Central Spain*, Berkeley 1993, pp. 356-64; A. U. STYLOW, «Los inicios de la epigrafía latina en la Bética. El ejemplo de la epigrafía funeraria», en F. BELTRÁN (ed.), *Roma y el Nacimiento de la Cultura Epigráfica en Occidente*, Zaragoza, 1995, pp. 219-228.

238

ESTELA FUNERÁRIA DE SÃO PEDRO (ALTER DO CHÃO)

A presente inscrição é proveniente de São Pedro, Alter do Chão, local onde existem ruínas de uma capela gótica e são já conhecidos vestígios de estruturas de época romana ([1]). Foi-me oferecida em Agosto de 1985 pelo seu achador, senhor Olivério, morador em Cabeço de Vide. Depositei-a, nessa altura, no então Instituto Português do Património Cultural, em Lisboa.

Trata-se da parte inferior de uma inscrição funerária, muito possivelmente uma estela, dada a sua pequena espessura relativa e o facto de conservar um espigão para fixação abaixo da moldura. É de mármore branco, do tipo Estremoz/Vila Viçosa.

O campo epigráfico está delimitado na base por uma moldura dupla talhada nas quatro faces.

Altura máxima conservada: 28,5 cm. Largura média do campo epigráfico: 23,5 cm. Espessura média da estela na área epigrafada: 7 cm.

Conservam-se vestígios das quatro linhas finais, estando a primeira delas demasiado danificada para permitir qualquer leitura:

[...]/ LEO [PATE]R̤ PI/ENTISSIMV̤/S POSVVIT [*sic*]

Alt. das letras: últ. linha: 3,1.

O *ordinator* parece ter querido alinhar o texto em ambos os lados da epígrafe, que não apresenta linhas auxiliares. As letras, muito erodidas, aproximam-se do tipo monumental quadrado.

([1]) Jorge de ALARCÃO, 1988, *Roman Portugal*, vol. II, fasc. 3, p. 150 (6/124), refere a existência de alicerces romanos em S. Pedro, para além do registo de cerâmica de construção e doméstica, incluindo *sigillata* hispânica tardia, moedas e inscrições funerárias.

Do nome do defunto apenas nos restam as três últimas letras do provável cognome [...]LEO, em dativo, o que concorda com o facto de o epitáfio ter sido mandado fazer pelo seu pai pientíssimo. Reconstituímos *pater* na antepenúltima linha devido, não apenas, à correspondência da extensão da área danificada nesta linha, mas fundamentalmente por uma questão de concordância do texto. De notar ainda a duplicação do «V» de *posuit*, na última linha, por erro do *ordinator*.

Com a mesma proveniência era já conhecida outra estela funerária, actualmente depositada no Museu de Elvas ([2]).

Por fim, é ainda de referir que Mário Saa cita, embora sem indicar a fonte, que inscrições romanas existentes na capela de São Pedro, situada a cerca de seis quilómetros para leste de Alter Pedroso, teriam permitido, no século XVI, aos habitantes desta vila "alegarem a sua ilustre antiguidade contra as pretensões de anexação por parte da vila de Fronteira" ([3]).

A. M. Dias Diogo

([2]) José d'Encarnação, 1984, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, p. 690 (n.° 631).

([3]) Mário Saa, 1956, *As Grandes Vias da Lusitânia. O Itinerário de Antonino Pio*, I, p. 273, n. 1.

238